

INTRODUÇÃO

Para o organizador deste volume, os romances de Graciliano Ramos estarão associados para sempre às aulas do professor Abel Barros Baptista na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa – Universidade Nova, ano acadêmico 2001-2002. Encontros semanais de leitura rigorosa e inquieta do romance *São Bernardo*, intercalados de humor e argúcias. Naquelas aulas magistrais, concretizava-se a famosa frase de Italo Calvino sobre os clássicos como obras que nunca terminam de dizer. A análise meticulosa de *São Bernardo* e o humor do professor Abel Barros Baptista ficam comigo, alguns anos depois, como decisiva etapa de formação.

Um agradecimento especial vai à professora Élide Valarini Oliver pela oportunidade de organizar este número da revista *Santa Barbara Portuguese Studies*. Espero que a variedade de abordagens aqui representadas – da influência da literatura de cordel às teorias pós-coloniais, da eco-crítica aos diálogos entre literatura e cinema – possa despertar interesse e gerar novas perguntas para os leitores e os estudiosos de Graciliano Ramos.

Os oito ensaios que constituem este volume expandem a bibliografia crítica sobre obras específicas do escritor alagoense (*Caetés*, *Angústia*, *São Bernardo*, *Vidas secas*, *Histórias de Alexandre*); refletem sobre as relações entre ideologia e escrita (Ana Amélia de Melo), sobre o uso de tradições literárias populares (a literatura de cordel) para construir camadas de sentido e de questionamento do ato do *fazer* literário (Fabio Cesar Alves), sobre a rede de relações com figuras da modernidade como a do naufrágio e da antropofagia oswaldiana (Roberto Vecchi), sobre a suposta inverosimilhança da complexa personagem de Paul Honório (Franklin Farias Morais), o legado moral da cachorra Baleia (Tracy Devine Guzmán), a “poética do silêncio” do romance *Vidas secas* e sua célebre adaptação cinematográfica (Marcia Fanti Negri), a metáfora da ferida (Gabriel Chagas), e as presenças “fantasmáticas” em Graciliano Ramos e Cornélio Penna. A leitura integral do volume permite acompanhar as várias etapas da escrita e do pensamento do autor. Os temas “fortes” de Graciliano Ramos (o autoritarismo, a ruralidade áspera nordestina, a angústia incomunicável) estão aqui presentes e repensados, juntamente com ensaios de cariz mais teórico, contribuindo para fazer deste volume um verdadeiro *Companion* (na tradição anglo-saxônica) da literatura graciliana.

Em “Graciliano Ramos: Literatura e militância”, **Ana Amélia de Melo** oferece uma síntese das posições do autor sobre o tema do engajamento do escritor na sociedade. Criticando o “romance introspectivo” brasileiro – “uma literatura presumidamente misteriosa, sombria, infernal, que abusa das palavras mistério, sombra e inferno” segundo as palavras do próprio Graciliano proferidas em

discurso público – o escritor alagoense defendeu a crucial importância de retratar condicionamentos ambientais e materiais na criação de seus personagens. De Melo nos acompanha através das várias etapas da militância de Graciliano no PCB e põe ênfase na defesa do autor para alcançar uma escrita literária “autônoma” e depurada pela “ruminação” autoral.

O segundo ensaio do volume (“O cordel de Graciano e as astúcias do poeta”) mostra a confluência de tradições cultas e populares na escrita de Graciliano Ramos. Para Graciliano, a literatura de cordel não foi apenas uma fonte de enredos; como **Fabio Cesar Alves** nos mostra, Graciliano fez um uso sofisticado de materiais populares. Alves reconhece e ilumina a dimensão teórica implícita no aproveitamento de materiais narrativos orais e folclóricos. Em jogo, estaria uma reflexão sobre “as noções de autoria, originalidade, homogeneidade dos materiais, verossimilhança e distinção entre os códigos oral e escrito” (Alves).

A partir da discussão sobre o “reuso” de elementos caracterizantes a modernidade *sensu lato* e a modernidade brasileira em particular, em “Mexendo nos *Caetés*: Graciliano e os fetiches do discurso pós-colonial”, **Roberto Vecchi** lê *Caetés* como texto “da modernidade periférica” em que os anacronismos implícitos na estratégia metanarrativa do livro desvelam o emaranhado de arcaico e moderno em jogo na modernidade à brasileira.

Franklin Farias Moraes (“A irônica reversão do declínio: *São Bernardo* (1934) de Graciliano Ramos”) oferece uma pontual e detalhada análise da figura do narrador do romance, dialogando com uma constelação de juízos críticos sobre a figura agreste de Paulo Honório.

A seguir, três ensaios são dedicados a *Vidas secas*. No primeiro, “The ecological legacies of Baleia’s moral life”, **Tracy Devine Guzmán** lê Baleia como figura precursora de debates contemporâneos sobre direitos não-humanos, sustentabilidade e Antropoceno. **Marcia Fanti Negri**, em “Performance of the land in *Barren Lives* and *Vidas secas*: The poetics of silence in Brazil”, reflete sobre a “estética do silêncio” à luz da categoria de “necropolítica” proposta por Achille Mbembe. Em “No avesso da seca, as feridas de uma linguagem impossível: uma análise comparativa de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório”, **Gabriel Chagas** tece uma linha temática de continuidade entre dois romances ligados por uma profunda meditação sobre a relação entre linguagem, poder e resistência.

Fecha o volume “Encenações da morte e do luto em *Angústia* e *Fronteira*” de **Guilherme Zubaran de Azevedo**, um ensaio que recupera a categoria de luto freudiano e a imagem do fantasma como dispositivo da memória de uma humanidade ultrajada na história do país.

Como Antonio Candido já ressaltava no ensaio “Cinquenta anos de *Vidas secas*” (1988), (e de acordo com Carpeaux), Graciliano Ramos é “o grande clássico” duma narrativa “cheia de neo-românticos e neo-barrocos”. Além do “estilo parcimonioso” de Graciliano, Candido comentava a capacidade do escritor para “alargar o território literário”, mencionando em particular a invenção da personagem Baleia. Este volume quer prestar homenagem a essa voz clássica, inquieta, rigorosa, que nos permite repensar a literatura, a narrativa brasileira, a modernidade brasileira e seus conflitos entre poderes autoritários e aspirações individuais e coletivas.

Nicola Gavioli